



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

KASSIANE OLIVEIRA DE LEMOS

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-405

Entrevistado: Kassiane Oliveira de Lemos

Nascimento: 08/10/1996

Local da entrevista: Universidade Caxias do Sul - Caxias do Sul, RS

Entrevistadora: Daniela Romcy

Data da entrevista: 10/04/2014

Transcrição: Jamile Mezzomo Klanovicz

Copidesque: Suélen de Souza Andres

Pesquisa: Suélen de Souza Andres

Total de gravação: 13 minutos e 3 segundos

Páginas Digitadas: Oito

Revisão: Silvana Vilodre Goellner

Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Suélen de Souza Andres intitulada *Mulheres e handebol no Rio Grande do Sul: narrativas sobre o processo de "profissionalização" da modalidade* realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Dedicação ao handebol; Equipes nas quais já atuou; Conquistas com o handebol; Handebol como profissão; Rotina de vida; Relação do público com o handebol; Frustração dentro do handebol; A visibilidade do esporte; O que é ser um profissional de handebol; Desejo de jogar na Europa; Relação com a família.

Caxias do Sul, 10 de abril de 2014. Entrevista com Kassiane Oliveira de Lemos a cargo da pesquisadora Daniela Romcy para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

D. R. – Kassiane, quanto tempo tu dedicas da tua vida para o handebol?

K. O. – Nove anos.

D. R. – Nove anos! Conta-me um pouquinho da tua trajetória, onde tu começaste e quando tu começaste a jogar?

K. O. – Eu comecei a jogar por causa da minha irmã. No começo era só brincadeira, mas eu fui gostando, treinando. Comecei a treinar em Osório¹. Particpei em brasileiros pelo time de Osório. Ano passado fui jogar no Espírito Santo fiquei um ano e voltei esse ano para jogar aqui.

D. R. – Tu foste junto com a Juliana²?

K. O. – Sim, e com a Steffani³.

D. R. – É hoje tu vive do handebol?

K. O. – Eu posso dizer que eu vivo do handebol porque eu tive oportunidades que se não fosse o handebol eu não teria, conheci metade do Brasil.

D. R. – Tu chegaste a ter o benefício de Bolsa Atleta?

K. O. – Sim! Como ficamos com o vice-campeonato no ano passado. Só tenho que me inscrever no Nacional.

¹ Grêmio Atlético Osoriense - Osório (RS).

² Juliana Borges de Lima – Colega de equipe pelo Apahand/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul

D. R. – Tu já chegaste a jogar pela seleção brasileira?

K. O. – Não! Mas pretendo um dia. [riso]

D. R. – Pretende?

K. O. – Sim!

D. R. – E jogar na Europa?

K. O. – É um sonho!

D. R. – E por quê?

K. O. – Porque, eu não me imagino fazendo outra coisa, a não ser jogar handebol. Porque eu sempre fiz isso, desde os meus nove anos de idade.

D. R. – Pretende fazer uma faculdade depois?

K. O. – Pretendo! Depois que eu terminar a escola, eu pretendo fazer Fisioterapia. Vou fazendo onde der se não der eu tranco, e depois que parar de jogar eu continuo fazendo.

D. R. – Tu falaste que começou no handebol brincando. Qual foi o momento que o handebol deixou de ser uma brincadeira para ser uma coisa séria?

K. O. – Quando passei a frequentar todos os treinos, porque antes eu ia só uma vez depois eu não ia mais. E pelo apoio que tinha da minha irmã.

D. R. – Que idade tu tinhas quando isso começou?

K.O. – Acho que uns dez anos. Entrei com nove anos, passei um ano, assim, na brincadeira, aí depois comecei a levar a sério.

³ Stefanny Raiane Mattos, Colega de equipe pelo Apahand/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul.

D. R. – E como era a tua rotina no Espírito Santo, quando tu saíste de casa, e como é aqui também?

K. O. – No começo foi um pouco complicado, porque como eu nunca tinha saído de casa tive que aprender a me virar sozinha, sem a ajuda da minha mãe, dos meus pais, e tem que lavar roupa, acordar cedo, treinar todos os dias, era muito puxado, mas acho que eu consegui me virar um pouco.

D. R. – Vocês ficavam em alojamento?

K. O. – República. Eu e mais três gurias.

D. R. – E aqui também?

K. O. – Sim! Aqui a gente mora em casa, aí sou eu e mais seis.

D. R. – Tu e mais seis?

K. O. – Isso!

D. R. – E aí vocês dividem quarto também?

K. O. – Sim! Tarefas de casa também.

D. R. – Tudo é dividido?

K. O. – Tudo é dividido.

D. R. – Mas, o clube tem alguma gestão sobre a casa?

K. O. – Tem “tipo” que nem agora, alimentação eles ajudam, o que faltar tu conversa com eles.

D. R. – Mas, eles têm “tipo”, um “x” que eles dão para vocês comprarem no mercado. Como funciona?

K. O. – Aí a gente fala com eles.

D. R. – Entendi! É rápido assim o retorno deles?

K. O. – Sim é rápido.

D. R. – E tem alguma rotina ou alguma coisa específica que tu faz antes de algum jogo importante ou de algum campeonato?

K. O. – Eu rezo [riso], rezo muito. Para Deus proteger a gente, para que a gente consiga conquistar a vitória.

D. R. – E de rotinas de dias, tu fazes alguma coisa diferente?

K. O. – Não! Porque não dá tempo de fazer outra coisa [riso], aí quando a gente está em casa, à gente quer descansar. Aí não tem como.

D. R. – Que outras cidades que tu conhecestes a partir do handebol?

K. O. – Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Curitiba, Alagoas, fora o Espírito Santo.

D. R. – E nesses lugares todos que tu foste como é a relação do público com o handebol? Casa lotada, não tem quase público, como que é?

K. O. – Quase ninguém. Nossa, meu sonho é que fosse igual à Europa, handebol na Europa é o futebol aqui. Porque os ginásios lotam. O meu sonho é que um dia o Brasil chegue a ser assim, mas acho meio difícil.

D. R. – Qual a tua maior frustração dentro do handebol e o teu maior sonho?

K. O. – Minha maior frustração foi a perda da minha irmã. Minha maior frustração no handebol, porque ela era meu espelho, eu me espelhava totalmente nela. Quando ela se foi, para mim tinha acabado, porque eu não tinha mais o conselho dela, não tinha mais ao meu lado. Eu pensei em parar, mas aí eu coloquei a cabeça no lugar e eu pensei que não, esse era o meu sonho e dela, tanto é que ela já jogou aqui, o nosso sonho era jogar juntas. Se ela estivesse viva provavelmente eu estaria jogando com ela ainda.

D. R. – Na tua opinião o que deveria ser feito para que isso acontecesse ter estádio cheio, para que a remuneração fosse melhor, para que a visibilidade fosse melhor?

K. O. – Eu acho que primeiro teria que tirar a imagem que aqui é o país de futebol, porque eu acho que todo programa de esportes que vejo, não vejo outros esportes a não ser o futebol. Não deveria ser chamado de esportes. Não é só puxando para o lado do handebol, mas tem o Atletismo, outros esportes que mereciam ser vistos também, aqui no Brasil só dão visibilidade para o futebol. Se eles criassem alguma coisa, algum meio que mostrasse outros esportes também, talvez a população ia acabar se interessando.

D. R. – Me diz uma coisa, tu chegaste a ir para o acampamento?

K. O. – Sim!

D. R. – Como é essa experiência do acampamento?

K. O. – É horrível![risos]

D. R. – [risos] Eu achei que fosse uma experiência legal.

K. O. – É bom, mas é horrível ao mesmo tempo. Porque tem que saber jogar na base da pressão. É uma experiência boa, mas é aquela expectativa, porque tu não sabes se vai ser chamada ou não.

D. R. – E tu ficas sabendo como?

K. O. – Ocorrem em fases, que nem a Lígia⁴ e a Juliana foram convocadas para as outras fases. Sai uma listagem com os nomes e quando tu vês que teu nome não está lá, bate uma tristeza. Por que às vezes tu vês que é melhor que uma menina que foi selecionada. Fico me perguntando, o que eu deixei de fazer? Porque eu não estou lá? E isso para mim é ruim.

D. R. – O que tu considera que é ser um profissional do handebol?

K. O. – Eu considero que ser profissional é abrir mão de coisas que qualquer pessoa que não faz esportes não abriria. Tipo, família, festa, porque tem gente que não deixa de fazer festa por causa de competição, e outras coisas assim sabe, deixar de estar perto de pessoas que tu gosta. Ter uma alimentação saudável, não pode comer qualquer coisa, isso é ser atleta. E ser humilde, porque para mim a humildade é importante também, se tu quiseres ser atleta.

D. R. – Me diz uma coisa, tu disseste que o teu sonho é jogar na Europa. O que é que tu achas que uma menina que é mais nova que tu, por exemplo, que não tem nem noção de como fazer para ser uma profissional, qual o caminho que ela segue? Qual o caminho que tu achas que tem que percorrer para chegar à Europa?

C. O. – Eu tenho que me esforçar muito. E treinar cada vez mais, tentar ser melhor que eu mesma, para conseguir se superar. E jamais desistir! Sempre tem uma atleta na mesma situação.

D. R. – Mas, tu sabes como funciona essa capacitação dos atletas para os times Europeus?

K. O. – Geralmente quando tem competição, assim, primeiro precisa estar na Seleção para ir a Europa, entre aspas. Porque jogadora que vai para a seleção, querendo ou não já é mais vista, e tem maior probabilidade de chegar na Europa, eu tenho isso do meu ponto de vista, mas acho que posso estar errada. Mas, geralmente é isso que acontece no handebol.

D. R. – Uma pergunta que eu fiz para todas as meninas, que mensagem tu deixarias para uma menina que está com uns dez anos, onze anos, começando que ainda tem o handebol como lazer e quer ser uma profissional, que se espelha em ti, se espelha na seleção brasileira.

K. O. – Que independente do que aconteça, jamais desista. Continue jogando, se esforçando, porque um dia, ou uma hora consegue, eu acredito que um dia a minha hora vai chegar. E muitas vezes, mesmo que as pessoas te digam que tu nunca vai chegar lá, prova pra ti que tu vai chegar, eu já ouvi muito isso, que eu nunca ia conseguir estar aqui, chegar a ir ao acampamento, jogar em um brasileiro, eu sempre ouvi isso, mas isso não me abalou, e eu acho que a gente não deve se abalar pelo que os outros dizem.

D. R. – E uma pergunta que me escapou. Tu começaste a jogar por causa da tua irmã. Qual foi a reação da tua família com vocês? Como eles reagiram?

K. O. – No começo a gente tinha mais apoio do meu professor de lá, porque ele fazia de tudo para a gente continuar treinando. Minha mãe no início não queria muito, acabamos convencendo ela. Ela passou a nos apoiar, os meus pais dão força. Agora ela sabe, ela aceita mais. Claro agora eu não estou perto dela, mas ela aceita.

D. R. – Era isso, muito obrigada!

K. O. – De nada!

[FINAL DA ENTREVISTA]

⁴ Lígia Costa, colega de equipe pelo Apahand/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul.